

A MINISTRAÇÃO DE AULAS COMO FATOR CRUCIAL PARA UMA COMPLETA FORMAÇÃO DOCENTE ¹

RESUMO

No panorama educacional contemporâneo, o contato de um licenciando com a realidade efetiva emerge como um elo vital entre a teoria acadêmica e a vivência prática, proporcionando aos futuros educadores a oportunidade única de imergir no ambiente escolar e vivenciar, de forma real, o cotidiano da profissão docente. No contexto desse enriquecedor processo, uma atividade se destaca como a mais significativa: as ministrações de aulas. Nesse sentido, este relatório tem como objetivo retratar, analisar e refletir sobre a experiência da residência pedagógica, concedendo especial ênfase ao fator primordial das ministrações de aulas como uma etapa de relevância singular no aprimoramento do desenvolvimento pedagógico e no fortalecimento da identidade docente.

Palavras-chave: Residência, Desenvolvimento pedagógico, Identidade docente, Prática educacional.

INTRODUÇÃO

Dentre as atividades desempenhadas durante a residência pedagógica, as ministrações de aulas emergiram como a espinha dorsal da experiência, conferindo a oportunidade ímpar de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica. As aulas ministradas, embora poucas, constituíram-se como o ápice da experiência enquanto residente, representando um momento de desafio e autodescoberta. Através dessas interações, o futuro educador teve a oportunidade de experienciar a riqueza do processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que se confrontou com as demandas e responsabilidades inerentes à profissão.

Neste relatório, compartilho minha experiência de ministrar aulas para o segundo ano do ensino médio durante o segundo bimestre, no turno matutino. A turma em questão era composta por alunos na faixa etária de 16 anos, caracterizada por ser um tanto barulhenta e cheia. A residência proporcionou momentos desafiadores, mas repletos de aprendizado e crescimento pessoal e profissional. Neste documento, descreverei as dificuldades iniciais, as estratégias desenvolvidas para engajar os alunos, bem como minha evolução como futuro professor ao longo do período.

ESCOLA E CONTEXTO

¹ Yuri Mota, Licenciando em Filosofia, UFMG.

A residência foi realizada em uma das melhores instituições de ensino público de Belo Horizonte, qual seja a *Escola Estadual Pedro II*, reconhecida pela sua estrutura um tanto distinta. O período de residência estendeu-se por cerca de seis meses, proporcionando um bom contato com ambiente educacional e permitindo a interação com alunos, professores e funcionários, bem como o acesso aos recursos e ferramentas pedagógicas disponíveis.

PREPARAÇÃO DA AULA

Preparar aula para o ensino médio foi uma experiência que me trouxe uma série de desafios, descobertas e, claro, um nervosismo natural. Ao receber a oportunidade de ministrar aulas, logo me deparei com a dificuldade de transpor o conteúdo aprendido na faculdade para a realidade de uma aula com duração de apenas 50 minutos, e a escolha da abordagem pedagógica adequada para envolver os alunos também era uma incógnita.

Ao ter minhas primeiras experiências como residente no ensino médio, percebi que os conteúdos aprendidos na academia, apesar de sólidos e vastos, demandavam uma adaptação significativa para atender às particularidades dos alunos do ensino médio. O desafio de condensar temas complexos e extensos em aulas de curta duração era iminente, e a preocupação de não conseguir transmitir os conceitos de forma clara e atraente para os estudantes também existia.

Sentia-me como um explorador em território desconhecido, procurando formas criativas de tornar os conteúdos interessantes e compreensíveis para a faixa etária dos alunos. Ao enfrentar essa dificuldade, recorri à pesquisa, à troca de experiência com outros colegas e, principalmente, à autorreflexão sobre minhas próprias estratégias de aprendizado na época em que eu era estudante. Outro ponto crucial em minha preparação de aulas era a escolha da abordagem pedagógica. Com alunos na faixa dos 16 anos, cujas personalidades e interesses variavam consideravelmente, e “que não [possuíam] as competências mínimas exigidas pela reflexão filosófica” (RODRIGO, 2021, p. 11), identificar a melhor forma de engajá-los e motivá-los era uma tarefa não muito fácil. Ainda que houvesse o desejo de criar aulas envolventes e participativas, o receio de que a abordagem não fosse bem recebida pelos estudantes me preocupava. Com o passar de algumas semanas, consegui desenvolver um plano de aula e uma abordagem que considerava ser a mais didática e adaptada às necessidades do ensino médio.

Na minha busca por uma abordagem pedagógica eficaz, dediquei-me a compreender melhor meus alunos, suas expectativas em relação à disciplina e suas preferências de

aprendizado. Optei por conduzir aulas interativas, enriquecidas por exemplos práticos que ilustram os conceitos teóricos. Essa escolha pareceu-me sensata, visto que, conforme Cerletti (2004, p. 40) destaca, "se a um professor não importa o pensar do outro, o que ele faz é incitar um monólogo, no qual o outro está excluído". Por meio dessas estratégias, consegui estabelecer uma maior aproximação com meus alunos, o que por sua vez facilitou significativamente o processo de ensino-aprendizagem.

É inevitável admitir que, diante desses desafios, um nervosismo natural tomava conta de mim antes das aulas. A responsabilidade de ser o facilitador do conhecimento, capaz de influenciar a trajetória educacional dos alunos, causava uma mistura de ansiedade e entusiasmo. O medo de não corresponder às expectativas, de não conseguir controlar a turma ou de perder o fio condutor da aula, eram receios que me acompanhavam.

Acredito que esse nervosismo era um sinal da importância que eu dava ao meu papel como educador. Reconhecer a responsabilidade de educar e formar cidadãos conscientes e críticos me impulsionava a superar meus receios e a me aprimorar constantemente. Gradualmente, percebi que a presença desse nervosismo era um indicativo de que eu estava me dedicando intensamente ao meu trabalho como professor.

PRIMEIROS DESAFIOS EM SALA DE AULA: A TURMA E O BARULHO

A minha primeira interação com os alunos do segundo ano do ensino médio foi uma experiência verdadeiramente marcante, repleta de emoções e sensações. Naquela sala de aula repleta, onde os jovens de 16 anos transitavam entre a energia contagiante da juventude e a busca por concentração, eu me encontrava diante de um desafio estimulante e, ao mesmo tempo, complexo.

Desde o momento inicial, ficou clara a natureza da turma: um grupo cheio de vitalidade, cuja energia preenchia o ambiente, mas que também lutava para manter o foco e a concentração. A sala pulsava com vozes e risos, e a tarefa de direcionar essa energia para um aprendizado produtivo se apresentava como um verdadeiro teste de habilidades pedagógicas.

A dinâmica da turma era tão única quanto cada indivíduo que a compunha. O desafio constante da dispersão tornava-se evidente, e as estratégias tradicionais de ensino precisavam ser adaptadas para se ajustarem à necessidade de envolver essas jovens mentes inquisitivas. Aquele ambiente inicialmente barulhento e movimentado exigia de mim uma dose extra de paciência e criatividade, além de uma compreensão profunda de que aquela energia podia ser canalizada de maneira produtiva.



SUPERANDO AS DIFICULDADES

A primeira aula representou um desafio intenso de resistência e flexibilidade. A energia vibrante da turma e o aparente desinteresse pelo conteúdo desencadearam um profundo questionamento das minhas abordagens pedagógicas. Foi nesse momento que reconheci a necessidade premente de adaptar minha metodologia de ensino.

A turma, agitada e pouco engajada, demandava uma abordagem que transcendesse os métodos convencionais. Percebi que, para conquistar a atenção e o interesse dos alunos, precisaria ir além das fronteiras tradicionais da sala de aula. Nesse sentido, a reflexão sobre a relevância do conteúdo para as vidas dos estudantes emergiu como um ponto crucial.

Aprendi, então, que a chave para transformar essa dinâmica estava na criação de aulas mais dinâmicas e atraentes. Era essencial estabelecer uma conexão entre os conceitos teóricos e a realidade que os alunos viviam, assim como com os assuntos que os cativavam. Essa abordagem, embora desafiadora, prometia ser eficaz para fomentar o envolvimento e a participação ativa dos estudantes.

Ao buscar um alinhamento mais próximo com os interesses dos alunos, adotei uma abordagem mais dinâmica e interativa, inspirada pela prática da minha professora supervisora. A introdução de discussões abertas e exemplos concretos permitiu uma imersão mais profunda no conteúdo. Conforme a turma se envolvia de maneira mais ativa, percebi que a aprendizagem estava se tornando não apenas eficaz, mas também gratificante.

Ao longo do tempo, a sala de aula se transformou em um espaço de colaboração mútua. Aos poucos, o desafio inicial cedeu lugar a um ambiente mais participativo, onde as vozes dos alunos eram ouvidas e respeitadas. Essa experiência me proporcionou uma compreensão mais profunda do poder da adaptação pedagógica e da importância de moldar o ensino de acordo com as necessidades e contextos específicos de cada turma.

O AUXÍLIO DO PROFESSOR E CONTROLE DA TURMA

Durante as aulas, o professor supervisor foi uma presença fundamental para meu desenvolvimento como educador. Ele observava as aulas e me auxiliava nas estratégias pedagógicas e no controle da turma. Aos poucos, aprendi a perceber os momentos em que os alunos se dispersavam e a intervir de forma assertiva, redirecionando a atenção para o conteúdo



em discussão. A presença do professor na sala de aula também transmitia uma sensação de segurança a mim e aos alunos.

PROGRESSO E ENGAJAMENTO

Da primeira para a segunda aula, pude observar uma mudança notável na dinâmica da turma. Gradualmente, os alunos começaram a se engajar de maneira mais profunda nas aulas, participando ativamente das atividades propostas e demonstrando um interesse crescente pelo conteúdo. A aplicação de metodologias participativas desempenhou um papel fundamental nesse progresso, tornando a experiência de aprendizado mais significativa e agradável. Uma aula de filosofia deve carregar esse traço distintivo: o de instigar nos alunos uma inquietação saudável. Independentemente do nível, um curso de filosofia deve cultivar uma abordagem que promova um modo filosófico de pensar, mesmo que em um nível introdutório.

O papel do professor vai além de apenas apresentar conceitos. Um verdadeiro professor de filosofia não só explicita a natureza criativa da disciplina, mas também incentiva os estudantes a reexaminarem de maneira criativa os conceitos apresentados e, se possível, a desenvolverem seus próprios conceitos. Essa perspectiva é articulada por Felipe Araújo e Felipe Cepas (2018), que afirmam que um professor de filosofia autêntico é alguém que promove não apenas a compreensão, mas também a criação intelectual.

Portanto, na busca por uma aula que vá além da transmissão passiva de conhecimento, é essencial que o professor se esforce para cultivar essa "atitude filosófica" nos alunos, como destacado por Cerletti (2009). Isso envolve a capacidade de olhar para o mundo e para os fenômenos humanos com um olhar crítico e inquisitivo, questionando o que é tomado como natural e evidente. O objetivo é fomentar uma maneira de pensar que transcenda a simples assimilação de conceitos, encorajando a exploração e a criação ativas do conhecimento.

Assim, na busca por uma aula de filosofia genuinamente enriquecedora, o professor deve assumir o papel de um guia que não apenas orienta, mas também desafia os alunos a se tornarem pensadores independentes e criativos, capazes de explorar os conceitos filosóficos de maneira profunda e personalizada, em conformidade com os princípios propostos por Felipe Araújo e Felipe Cepas (2018).

Explorando Outras Formas de Aula: Estimulando o Pensamento Crítico através da Arte

Durante a residência, além das ministrações de aulas tradicionais, surgiu a oportunidade de experimentar outras formas de ensino, permitindo o desenvolvimento de

atividades que visavam estimular o pensamento crítico dos alunos através da arte. Uma dessas atividades, especialmente relevante para a aula de filosofia, utilizou a obra "As Mulheres Suliotas" do renomado pintor Victor Meireles.

A atividade proposta tinha como objetivo não somente abordar conceitos filosóficos, mas também incentivar uma apreciação estética e crítica da arte. A obra "As Mulheres Suliotas" foi escolhida por suas características ricas e suas possibilidades interpretativas de acordo com os temas filosóficos que estávamos trabalhando no bimestre. Essa atividade permitiu aos alunos uma oportunidade de refletir e expressar suas ideias, fugindo do modelo tradicional de aula, sem perder, contudo, o caráter filosófico da disciplina.

Etapas da Atividade

A dinâmica da atividade foi estruturada em três etapas, com cada uma delas focada em uma abordagem específica da obra:

Observação da Imagem (O que eu vejo): Os alunos foram convidados a observar atentamente a obra "As Mulheres Suliotas" e registrar suas percepções e impressões no caderno. Nessa etapa, o objetivo era que eles se aproximassem da arte de forma sensível, buscando compreender os elementos da composição, cores, expressões e contextos retratados.

Expressão do Pensamento (O que eu penso): Na segunda etapa, os alunos foram convidados a compartilhar suas reflexões e interpretações da obra. Essa fase permitiu que cada estudante expressasse suas ideias e pontos de vista, oferecendo um espaço para o debate e a diversidade de perspectivas. Essa troca de opiniões revelou-se enriquecedora, uma vez que a pluralidade de interpretações enriqueceu a compreensão da obra e permitiu um amplo debate filosófico.

Questionamentos e Pensamento Crítico (O que eu questiono): Na terceira e última etapa, a atividade tomou um viés filosófico mais acentuado. Os alunos foram estimulados a formular questionamentos a partir da obra, instigando um pensamento crítico e aprofundando-se em questões conceituais e existenciais. Essa etapa permitiu explorar os temas filosóficos subjacentes à obra de arte, como identidade, cultura, representação, e a própria natureza da arte como meio de expressão e reflexão.

ENGAJAMENTO E RESULTADOS

A atividade superou todas as expectativas, proporcionando um alto grau de engajamento por parte dos alunos. A interação com a arte permitiu que eles se conectassem

emocionalmente com a obra, o que facilitou o processo de reflexão e diálogo. O ambiente em sala de aula tornou-se receptivo e estimulante, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

Os estudantes demonstraram uma evolução em suas habilidades de análise e síntese, desenvolvendo um pensamento crítico mais apurado. A interdisciplinaridade presente na atividade também foi valorizada, permitindo que os conceitos filosóficos dialogassem com a apreciação estética da arte.

Ao final dessa experiência, pude constatar que a preparação e condução das aulas, explorando outras formas de ensino, são fundamentais para o crescimento dos alunos e para o fortalecimento da minha prática docente. Através dessa atividade enriquecedora, reafirmei meu compromisso em construir um ambiente educacional dinâmico, inclusivo e estimulante, onde a arte, o pensamento crítico e a reflexão filosófica caminham juntos, formando cidadãos conscientes e atuantes em nossa sociedade.

APRENDIZAGEM E CRESCIMENTO

A oportunidade de ministrar aulas para o segundo ano do ensino médio foi uma experiência que desafiou meus limites e me proporcionou um crescimento notável. Aprendi que ser um bom educador requer paciência, empatia e a capacidade de se adaptar às necessidades e características individuais dos alunos. Aos poucos, fui desenvolvendo minha identidade docente, compreendendo a importância de ensinar com o coração, buscando transmitir conhecimentos de forma significativa e inspiradora. Foi um verdadeiro momento de amálgama entre a teoria e a prática, impulsionando o desenvolvimento pedagógico do residente. A reflexão sobre as metodologias adotadas, a avaliação dos resultados alcançados e a busca constante por aprimoramento revelaram-se como elementos-chave para o crescimento profissional. Nesse processo, foi possível consolidar a compreensão de que o aprendizado contínuo é um imperativo para o sucesso na carreira docente.

Além disso, as ministrações de aulas propiciaram a construção da identidade docente do residente. Através do estabelecimento de vínculos afetivos e respeitosos com os alunos, o futuro educador pôde vivenciar a importância do papel do professor como um agente de transformação na vida dos estudantes. A empatia, a capacidade de ouvir, a criatividade e a paixão pelo ensino foram atributos que se consolidaram como pilares fundamentais na trajetória profissional em construção.

Aliás, foi possível sentir pela primeira vez o que muitos professores costumam relatar: a dor da despedida. Embora tenha sido apenas um semestre, a criação de vínculos é inevitável, e ter que partir para outra escola e deixar todo o trabalho e relacionamento construído é um pouco angustiante. Os alunos foram extremamente carinhosos comigo desde o primeiro dia, e na despedida mais ainda, o que torna as coisas difíceis. Este, talvez um ponto supérfluo para muitos, foi causa de muitas reflexões e, mais uma vez, aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ministrações de aulas proporcionaram um cenário estimulante, repleto de desafios e oportunidades de crescimento pessoal e profissional. A construção de um ambiente de aprendizagem acolhedor e estimulante para os alunos, a adequação das estratégias pedagógicas ao perfil diversificado da turma, a adaptação às diferentes formas de aprendizado dos estudantes e o enfrentamento de eventuais obstáculos foram apenas algumas das tarefas enfrentadas durante esse percurso.

Neste relatório, destacou-se a relevância das ministrações de aulas como atividade significativa e enriquecedora. Ao longo deste documento, foram abordados os desafios, as oportunidades e o impacto dessas vivências na formação do futuro educador, ressaltando-se a importância do aprendizado contínuo e da construção da identidade docente.

A experiência da residência evidenciou que a prática de ministrar aulas vai além da transmissão de conhecimentos; trata-se de uma arte que exige dedicação, sensibilidade e compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos. Nesse contexto, o residente pôde vislumbrar o fascinante universo da docência e compreender a importância desse ofício na construção de uma sociedade mais consciente e humanizada.

Assim, a partir das reflexões e aprendizados adquiridos, este relatório de estágio visa contribuir para a valorização do processo formativo do educador, ressaltando as nuances inerentes ao ato de ministrar aulas e enfatizando sua relevância como a mais significativa atividade durante a imersão no contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Filipe; CEPPAS, Filipe. A aula de filosofia como oficina de criação. Revista Ideação, pag. 52-68. 3 de maio, 2018.

CERLETTI, Alejandro. O ensino de filosofia como problema filosófico. Editora: Autêntica;

2ª edição, 6 de agosto, 2009.

CERLETTI, Alejandro. Filosofia: caminhos para seu ensino. Dp&A Editora, 1ª edição. 1 de janeiro, 2004.

RODRIGO, Lúcia. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio. Editora Autores Associados; 1ª edição. 10 março, 2009.

